

Comblin e a espiritualidade do provisório¹

Comblin and the spirituality of the ephemeral

Maria Celina Correia Leite²

Resumo

Este texto consiste de relato pessoal. A autora conviveu com o padre José Comblin e testemunha a influência que ele teve na sua forma de enxergar a vida e o serviço cristão. Além disso, a autora compartilha as suas impressões de leitura daqueles que julga serem os livros mais importantes de Comblin a partir da espiritualidade do provisório.

Palavras-chave: Comblin. Espiritualidade. Serviço cristão.

Abstract

This text is a personal writing. The author lived side by side with Priest José Comblin and felt him influence over her way to see the life and the christian service. The author also share her impressions about the readings of the most important Comblin's books.

Keywords: José Comblin. Spirituality. Christian service.

¹ Este texto foi escrito para ser apresentado no dia 04 de setembro de 2014, durante a Semana de Estudos sobre o Padre Comblin, que ocorreu na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Por ser um texto escrito para ser falado guarda as marcas próprias da oralidade.

² Atua no Centro de Estudos e de Educação Popular – CEEP, em Paudalho – PE.

1 Para começo de conversa

Não pensei em dirigir essa nossa conversa para o tema bonito sugerido por Paulo César (Paulo César Pereira, além de mestre em CR, editor deste Periódico, é pastor da Igreja Batista em uma Igreja no Bairro dos Bultrins, na

periferia de Olinda-PE, porque a realização desta semana [...], já nos revela que o Comblin é um irmão universal e não membro de uma única igreja.

2 Quem é Comblin?

1 – O Comblin teólogo muitos de vocês já o conhecem, através dos seus livros. Outros o conhecem através de cursos, conferências, etc. Há teólogos convidados para esta semana que com certeza tratarão desse assunto.

Vai falar o quê? Talvez vocês se perguntem.

Partilho com vocês um pouco do Comblin que conheci e com quem convivi desde o início da década de 60 até os seus últimos dias entre nós. O Comblin estudioso da realidade. Mas, de forma especial, inserido nela... Vivendo com e como o povo, com a sensibilidade cristã que o caracterizava. Foi esta sensibilidade que o fez levar a sério a observação de um operário, que segundo ele contou, ajudou à sua conversão.

2 – Divido com vocês um pouco de sua espiritualidade que, por estar comprometida com a vida dos pobres, provocou reações na Igreja Católica e deu trabalho aos militares das ditaduras do Brasil, do Equador e do Chile. E nos pobres despertou a esperança, e a

compreensão da força de sua organização e seu papel na construção do Reino de Deus.

No ano em que o conheci, ele foi um grande apoio na minha busca de engajamento no meio popular, saindo dos colégios. Ajudou-me a discernir o novo caminho que a Igreja pós-conciliar queria criar. Nessa década, ele me ofereceu um dos seus livros que foi muito importante para mim, no sentido da compreensão do meu papel no mundo. E a dedicatória, além de resumir o conteúdo do livro, mostrava-me que tipo de amigo eu acabava de ganhar. Vejam: "À Maria Celina, no início de uma etapa provisória, sinal de uma amizade definitiva..." O Livro se chama: "O provisório e o definitivo" (1968) e marcou muito minha vida. Mais tarde trabalhei com o Comblin na formação dos missionários para o meio rural, onde recebi lições de simplicidade, paciência, respeito...

3 – Socializo também um pouco do Comblin que sabia auscultar os

acontecimentos históricos e seu significado, mas também o Comblin que via tudo, coisas simples do cotidiano, e às vezes com a ironia que também o caracterizava.

Selecionei algumas passagens do seu legado, através dos livros. Impossível falar de toda sua contribuição e difícil de selecionar. É evidente que as escolhas são “provisórias, capengas e relativas...” Um dos critérios foi a importância que elas tiveram para mim, na fase de discernimento de minha vida; e também para todo meu trabalho junto aos grupos de base. E o que representam para a Igreja hoje.

Entre seus livros, escolhi: “O provisório e o definitivo” (1968) que considero sempre atual. “O povo de Deus” (2002), “O caminho. Ensaio sobre o seguimento de Jesus Cristo” (2004) e “A vida – Em busca da Liberdade”

3 A espiritualidade do provisório

No seu livro, “O Provisório e o definitivo”, o Comblin escreve:

A grande novidade do Cristianismo é que o transcendente não é mais transcendente e que o eterno se reúne no provisório. Os homens têm acesso ao definitivo sem sair das realidades precárias deste mundo, mas sim e muito precisamente, abraçando essas realidades (COMBLIN, 1968, p. 146).

O amor de Deus é vivido nos papéis humanos. Não é estático. Está ao

(2007). E o fiz desejando que retomemos as questões levantadas em todos eles, para fundamentar nossa fé e sua prática.

Sabendo de sua opinião sobre mito vou iniciar com o que ele escreve:

Cada um de nós não deve desejar viver sobre esta terra mais que o tempo previsto pelo criador... querer ‘sobreviver’ nas instituições é recusar a condição humana, é querer criar um mito e buscar a imortalidade pela participação no mito. Depois da morte, devemos desejar apenas o esquecimento para não atravancar a vida das gerações futuras. Que elas próprias escolham as lembranças que querem guardar (COMBLIN, 1968, p. 1).

É exatamente o que faço agora. Não criando mito, mas guardando as lembranças que quero guardar...

E o que é que quero guardar? Espero que coincida com o que vocês também desejam guardar.

alcance do mais simples dos mortais. A Graça é isto: fazer com que o amor simples das coisas precárias deste mundo possa reunir-se ao Deus eterno e tornar-se matéria da aliança.

É salvo aquele que ocupa o seu lugar no espaço e no tempo, seu lugar na cidade (S. João) ou no corpo (S. Paulo) ou na árvore genealógica da humanidade (profetas), aquele que desempenha o seu papel... Esse desenvolvimento não é apenas

passageiro, é nele e por ele que Deus realiza sua aliança. O definitivo é esse corpo vivo no qual cada geração ocupa seu lugar e cada pessoa em sua geração (COMBLIN, 1968, p. 147). E continua:

Seguir Jesus Cristo é aceitar viver a plenitude do mundo presente sem o prolongar, recomeçar a cada instante, recolocar em questão. Se Deus se apresenta no movimento, a fidelidade a Deus consiste em se mover. Não será fixar-se em uma atitude imutável.

E lembra novamente que:

Os homens chegam ao palco do mundo por gerações. Desempenham seu papel e desaparecem para dar lugar às seguintes. Cada geração é um novo começo, um novo ciclo... A história e também o Reino de Deus são cíclicos. Recomeçam em uma nova partida em cada geração. O Corpo de Cristo é feito de uma multidão de ciclos (COMBLIN, 1968, p. 148).

Prosseguindo sobre esse novo olhar sobre a dinâmica da vida e a proposta de olharmos diferente para o que chamamos de efêmero, o Comblin acrescenta que: "Só o amor às coisas efêmeras nos concede viver a vida eterna de Deus". E ainda:

O Evangelho afasta os mitos e nos revela que nossa esperança não se encontra na busca de Deus, mas no acolhimento de sua presença no meio das coisas precárias. Nossa única esperança de nos integrar no definitivo e de nos prender ao eterno é amar as coisas passageiras que nos rodeiam. Qualquer amor terrestre é provisório (COMBLIN, 1968, p. 150).

E qual é o sentido do provisório? Questiona ele (COMBLIN, 1968, p. 151).

a) O sentido da mudança "passar, sem reter, utilizam sem se tornar proprietário. A maior espiritualidade consiste, portanto, não buscar as coisas estáveis, mas sim aceitar integralmente as coisas que passam e sua passagem, gostar que elas passem e que nos deixem ou que as deixemos e acolher as novas que chegam" (COMBLIN, 1968, p. 152).

O sentido do provisório inclui também:

b) O amor ao imperfeito. O cristão não é aquele que ama os perfeitos, mas sim os imperfeitos. Ele não é nem mesmo aquele que ama com perfeição, mas bem imperfeitamente. Mais exatamente, ele atinge a perfeição por atos imperfeitos. No presente, só decidimos à contra gosto. Pois o tempo é curto. É preciso agir. Não se pode refletir indefinidamente. Não se pode conciliar todos os interesses. As soluções perfeitas nunca são aplicáveis de imediato. O tempo urge. É preciso deixar de agir – o que seria pior – ou escolher soluções capengas. E pergunta: vamos nos queixar dessa servidão? Não. Pois é no

imperfeito que a perfeição de Deus age (COMBLIN, 1968, p. 153). A partir dessas colocações do Comblin seria bom pensarmos na formação cristã que recebemos. “É preciso ser perfeito”, foi o que sempre nos ensinaram... e na vida descobrimos que é impossível... e somos aí, levamos a concluir que o Cristianismo “é sublime, mas só se aplica aos anjos” (COMBLIN, 1968, p. 153). Nessa perspectiva diz o Comblin: “Não se deve lamentar o provisório. Não é apesar dele, mas por ele, que caminhamos na eternidade” (COMBLIN, 1968, p. 160).

Escolhi esses retalhos do livro do Comblin, para atualizarmos nossa reflexão sobre a importância, do provisório, e também para pensarmos na provisoriedade do que fazemos. Lembrando inclusive Paulo Freire, que costumava dizer: “eu não sou, estou sendo”. A interiorização desses conceitos talvez nos ajude na vida cotidiana a evitar que nos aproximemos dos nossos irmãos dizendo ou pensando: “sabe com quem está falando?...” Pois somos todos imperfeitos, inconclusos...

Como o Comblin gostava de colcha de retalhos, artesanato bem nordestino, vou continuar costurando, mas por conta do tempo vou reduzir esse momento... e se a colcha ficar menor, vocês continuarão...

3 Espiritualidade do provisório e evangelização

Fundamentados na espiritualidade do provisório vamos trazer alguns relatos do pensamento do Comblin sobre a Evangelização. Como sua vida, a evangelização também deve levar em conta a situação do mundo atual. Ele escreve:

Não basta dizer: queremos evangelizar o mundo; pois não há um acordo sobre o que é evangelização e, por conseguinte, essa expressão não basta para definir um plano de ação coletiva. É preciso dar um conteúdo histórico a essa evangelização. Se ela não entra na história, não faz nada, fica no

puro discurso. Discurso sobre evangelização há muitos. É preciso estar bem consciente disto: se a evangelização não se inscreve na história, ela não existe. Ela deve definir um conteúdo que seja exatamente a resposta às aspirações explícitas ou implícitas do mundo. A tarefa da evangelização tem por finalidade, no mundo atual, chamar os povos para que sejam povos, na realidade, caminhando no povo de Deus. Não queremos sintonizar com as aspirações claras ou secretas dos habitantes do mundo atual (COMBLIN, 2002, p. 355).

O mundo atual aí está; “é preciso reconhecer sua existência tal qual é. É

preciso criar uma nova *práxis*” (COMBLIN, 2002). Como escreveu um professor venezuelano [Simón Rodríguez] no século XIX: “ou inventamos ou erramos”. Esse é um desafio do mundo atual.

Vamos ao que nos sugere o Comblin.

Sabemos que a democratização foi um engano para iludir o povo. Por esse caminho, jamais o povo dos pobres pode mudar a sociedade. Os cristãos não podem ficar sossegados achando que a ação política dentro da chamada democracia vai estabelecer a justiça, sem que a Igreja tenha que interferir: cada um vota de acordo com a sua consciência, e tudo fica em ordem. Isso é ilusão. Com a mídia, a manipulação das massas se torna inevitável e os eleitos não têm muita liberdade, por serem controlados pelos que manipulam a mídia. Ninguém mais pode falar a verdade. Os governos eleitos não podem nada se não sofrem pressões populares fortes, de alta visibilidade. Nunca tomarão medidas favoráveis ao povo, se não for por pressão das forças populares. Pela mídia, as elites dirigentes impedem que tomem medidas desfavoráveis a elas (COMBLIN, 2002, p. 437).

Exemplo agora, os Conselhos populares... que não estão querendo aprovar...

O que fazer? Não é por via das eleições e das assembleias representativas, menos ainda pela eleição do presidente da República, que se pode agir. Hoje o que vale são as minorias ativas. Na atualidade, a expressão mais comum dessas minorias são as ONGS. Elas parecem mais

capazes de levar as transformações sociais do que os partidos políticos ligados ao imediatismo da conquista do poder formal. Elas querem atingir a opinião pública, os valores... E conseguiram em vários casos como: ecologia, feminismo, problemas das raças, direito das crianças etc. O importante é lutar por um objetivo. Sem isso vão ter que burocratizar-se, multiplicar os estudos teóricos e depender de fontes de financiamento. E hoje os homens de ação perdem diante dos homens do papel e mais ainda do computador...

Vimos o que significou o Fórum Social Mundial em Porto Alegre? As ONGs conseguiram despertar as suspeitas generalizadas sobre a eficiência do neoliberalismo. Mas o sistema é esperto em recuperar os adversários e sabe que sempre há pessoas que se deixam atrair, seja pelo dinheiro, ou seja, pela variedade de pertencer aos círculos dos eleitos deste mundo. Poucas permanecem intransigentes. O povo pode e deve recuperar a cidadania pela ação direta.

Qual a meta do povo de Deus neste momento da história? Não é converter indivíduos... Antes de tudo é preciso saber o que se quer e o que se oferece aos homens e mulheres do nosso tempo. A meta da Igreja aparece pelos sinais do tempo. Os sinais do tempo são claros:

- 1) Demograficamente o mundo ocidental está condenado a desaparecer dentro de poucos séculos. 80% da população mundial moram no terceiro mundo e a proporção tende a aumentar... O sinal é que o futuro do povo de Deus está no terceiro mundo...
- 2) Em segundo lugar, as populações do terceiro mundo vivem num caos. A maioria da população não sabe para onde vai. Tem imensas aspirações, muitas esperanças, mas não sabe o rumo. A mensagem cristã é que são chamados a formar povos, segundo a imagem do povo de Deus: o povo é colaboração e aliança entre pessoas livres, iguais e fraternas. Essa é a meta. O povo de Deus pode mostrar o caminho e o modo de caminhar, se é que se interessam. Se não se interessa, ficará dentro do

templo cantando os louvores enquanto a humanidade vai tateando sem rumo (COMBLIN, 2002, p. 352). Aleluia, Glória. É preciso imaginar e criar novos modos comunitários de viver. O que importa não é comer juntos ou dormir juntos debaixo do mesmo teto, mas trabalhar juntos. Se isso é possível na sociedade civil, por que não o seria na Igreja? As comunidades científicas, empresariais, artísticas e outras subsistem porque têm projetos e metas. O que as une são as metas. O que falta na Igreja são as metas. O desafio do povo de Deus vai além da questão do isolamento, da solidão. O problema é a construção do povo, tarefa que exige a colaboração de milhares e milhões de comunidades com metas (COMBLIN, 2002, p. 353).

4 Considerações finais

Como a colcha de retalho está ficando grande – e nem é para cama de casal - sugiro que procurem aprofundar o pensamento do Comblin nos seus diversos escritos e em especial nos livros: “O Caminho” (COMBLIN, 2004) e

“A vida” (COMBLIN, 2007). Encerro com um recadinho dele no livrinho chamado: “O que é a verdade?” (COMBLIN, 2005, p. 65). Na página 65 o Comblin escreve:

Revoluções verdadeiras são aquelas em que o povo tem

ampla participação e que corresponde aos seus anseios. Não movimentos de puras elites em que o povo não se reconhece. As revoluções

contribuem para a marcha do povo de Deus à medida em que são movimentos dos pobres e promovem os pobres.

Referências

COMBLIN, José. **O provisório e o definitivo**. São Paulo: Herder, 1968.

_____. **O caminho**: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A Vida**: em busca da liberdade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O que é A Verdade?** São Paulo: Paulus, 2005.

Trabalho recebido em: 04/09/2014.
Aceito para publicação em: 02/02/2015